

Capítulo I

28 de dezembro de 1994

Quartel de Koromush, Sul do Sudão

Ainda era cedo.

A escuridão abatia-se sobre a região de savana quente e húmida que se erguia em direção a montanhas íngremes cercadas por nuvens a este. Entre as muitas acácias e árvores espinhosas dispersas, crescia um capim-elefante tão alto como um homem, que balançava ao sabor da brisa húmida sob a luz ténue e pálida de uma lua em quarto crescente.

Eles vão chegar a coberto da erva alta onde não os conseguimos ver, pensou Philip Bol, um sargento do Exército Popular de Libertação do Sudão. É o que acontece sempre.

O sargento Bol nasceu no seio da tribo Dinca, e tal como muitos dos seus congéneres, era muito alto, descarnado e espadaúdo. Homem decente e de boa índole fora de combate, era também um soldado caalejado pelas batalhas que travara numa guerra tripartida pelo controlo da sua terra natal.

Mas, naquela manhã, o sargento, enfiado numa trincheira no cimo de um monte a olhar por binóculos para o mar de erva que se estendia para além de uma faixa de sessenta metros que eles tinham queimado em redor da base da vertente íngreme horas antes, sentia o estômago revoltado e a saliva a amargar-lhe o fundo da garganta.

Podemos não os ver enquanto eles não chegarem ao queimado, mas Deus sabe que vamos ouvi-los. Vamos ouvi-los de bem longe.

Bol olhou de relance para a esquerda e para a direita, e viu as silhuetas ténues dos seus homens, posicionados a dez metros de distância uns dos outros ao longo da vertente do monte, também eles com os olhos postos no mar de erva, alguns veteranos perdidos nas memórias e outros novos no exército, sem dúvida a cismar com os rumores que ouviram sobre a savana e o coro invisível que não demoraria a chegar até eles. Os batedores tinham localizado unidades do Exército de Resistência do Senhor a menos de cinco quilómetros de distância. O combate já não ia demorar.

O sargento bebeu do seu cantil e comeu uma tâmara seca para apaziguar o estômago. Perguntou-se quantos dos seus homens iriam tremer ao ouvir os cânticos. Depois calculou quantos poderiam fugir por medo puro do coro, uma vez que os soldados do Exército de Resistência do Senhor eram, em igualdade de circunstâncias, os mais excepcionais do mundo, muitos deles veteranos de anos de treino e combate quase permanentes.

Lideradas por um messias falso e fanático, as forças do LRA, sigla por que é conhecido o Exército de Resistência do Senhor, ou Lord's Resistance Army em inglês, eram destemidas ou mortas, o que fazia com que até um experimentado homem como o sargento Bol temesse a noite e os hinos que não demorariam a ser entoados e a ameaçar a savana, como se as vozes fossem uma dádiva de sereias ou falsos anjos.

O sargento olhou para o relógio e viu que a aurora não demoraria a chegar. Chamou os homens perto dele em surdina:

— Transmitam a mensagem. Nada de ruídos agora. Bico calado. Que ninguém se mexa. Queremos ouvi-los primeiro. E que ninguém da minha unidade se ponha a fugir. Ninguém!

Bol ouviu as ordens a ser repetidas de homem para homem, dentro e fora das trincheiras, antes de se fazer um silêncio completo perturbado apenas pelo zumbido de insetos, os pios e o bater de asas de aves a repousar nos respetivos poleiros, e o farfalhar suave da erva alta. Um elefante soltou um bramido a anunciar a chegada do dia ao Sul, para lá do quartel e do arsenal onde o comandante do sargento acreditava que o LRA estava a planear o ataque. O primeiro laivo de luz começou a aparecer a este.

O sargento estava ciente do som vazio da sua respiração e, ao longe a oeste, o rugido entrecortado, quase tossido, de um leopardo a afirmar o seu domínio antes de uma calmaria estranha se abater sobre a região. A brisa deixou de soprar. A erva estacou. Ouviu-se apenas o zumbido de insetos durante vinte minutos, tempo suficiente para o horizonte a este começar a brilhar antes de o sol se deixar ver, e para o sargento Bol se perguntar se os batedores se teriam equivocado.

Os cânticos começaram às seis, algures à frente da posição de Bol, mas ainda distantes, indistintos, suaves, quase doces. Ganharam força, mas não com baixos e tenores, guerreiros roufenhos ávidos por combater. Não, Bol ouviu muitos sopranos e contraltos a juntar-se em forma de coro e de exército, que começaram a avançar pela erva alta em direção à cumeeira do monte onde o sargento e os seus homens os esperavam.

— *Polo, polo, yesu Lara* — cantavam na língua acholi do norte do Uganda. — Céu, céu, que Jesus me salve.

O sargento já tinha ouvido o coro mortal noutros tempos, mas havia algo no tom oscilante e alto dos cânticos, quase etéreos na inocência e ameaça que continham, que lhe arrepiou a pele. Engoliu em seco e ouviu alguns dos homens a agitar-se desconfortavelmente atrás das espingardas.

O sargento Bol tentou convencer-se a ficar mais calmo, olhou pelos binóculos e viu na luz dourada crescente que a erva se estava a mexer a cerca de 300 metros de distância numa amplitude de uns bons 200 metros, como se aquele grupo de combate do Exército da Resistência do Senhor fosse uma enorme onda horizontal a erguer-se para um ataque frontal.

— Aí vêm eles — murmurou entre dentes.

— Não lhes vejo as cabeças acima da erva — disse um soldado à direita do sargento.

— Porque eles são baixos — respondeu Bol num ronco, ainda com os binóculos à frente dos olhos. — E de certeza que o Kony os mandou besuntar-se com manteiga de carité, que é praticamente invisível naquela erva até chegarem ao queimado e já estarem quase em cima de nós.

À medida que a onda se ia aproximando, o sargento ouvia o capim-elefante a farfalhar apesar dos cânticos, soldados já a bater palmas em uníssono e ainda a cantar o hino de súplica e de fé.

Polo, polo, yesu Lara

Céu, céu, que Jesus me salve.

O céu virá salvar-nos nas nossas vidas

E nós nunca iremos abandonar o caminho do céu.

Polo, polo, yesu Lara

Céu, céu, que Jesus me salve.

— Iluminem-nos — disse o sargento Bol via rádio.

À sua esquerda, viu um soldado levantar-se e dizer:

— Não sou capaz.

— Baixe-se, soldado — ordenou o sargento.

— Eu não me alistei para isto, sargento. Não o vou fazer.

— Soldado!

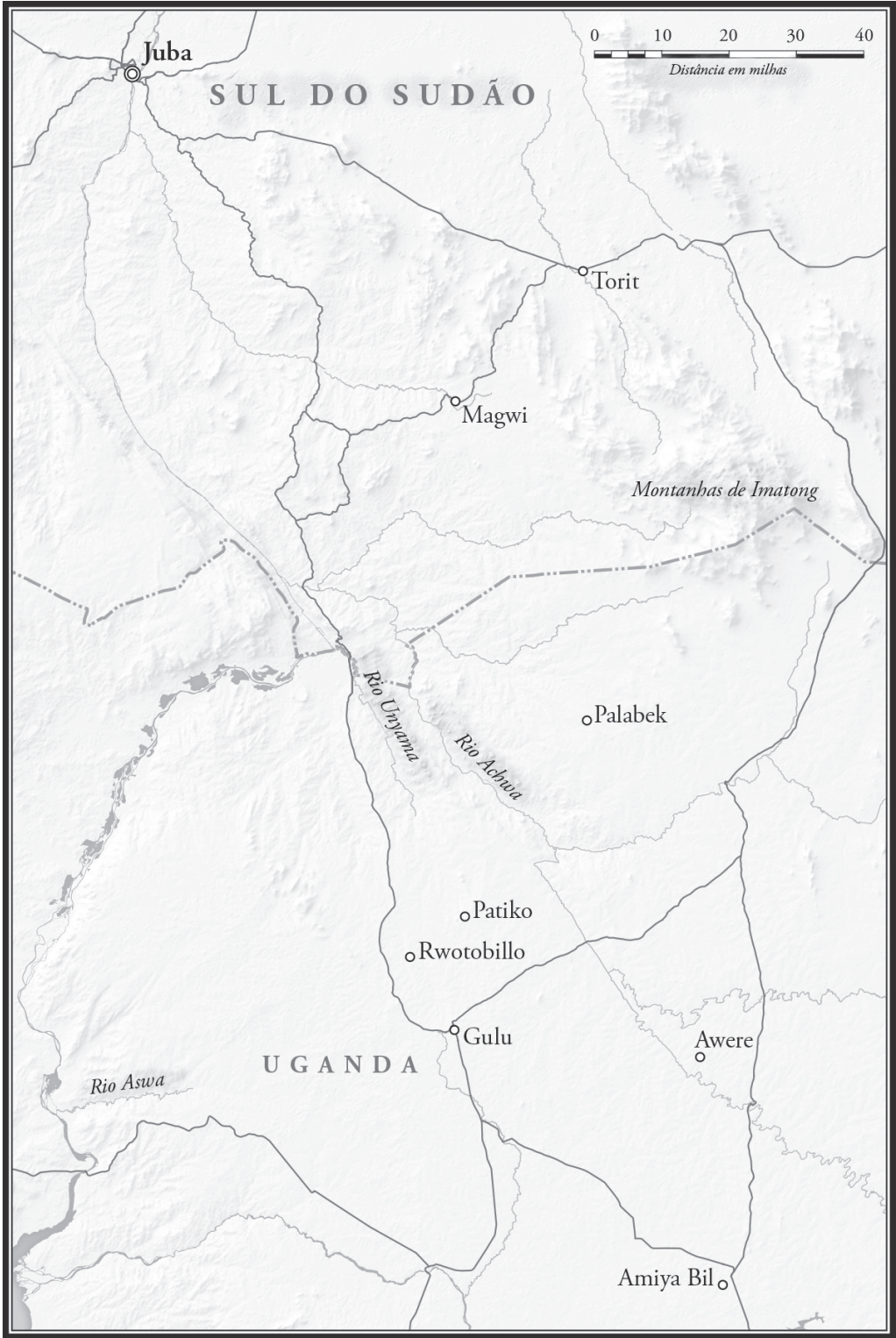
— Não posso — gaguejou o soldado. — Mesmo que estejam armados até aos dentes, não os posso matar, e não serei morto por eles.

Saiu da trincheira e começou a correr pelo monte em direção ao quartel um momento antes de um foguete de sinalização sair disparado da ponta da trincheira, subir e descer num arco e explodir em cima da savana, revelando completamente o coro na erva dourada: dezenas de crianças e adolescentes, todos besuntados com manteiga de carité, que fazia com que a pele parecesse coberta de giz, e todos a cantar o mesmo hino.

— *Polo, polo, yesu Lara*. Céu, céu, que Jesus me salve.

Bol viu que os rapazes na fila da frente do ataque estavam todos em tronco nu. E estavam desarmados, apavorados, e a bater palmas enquanto marchavam em direção ao campo queimado, olhos virados para o céu e cotovelos entrelaçados. As restantes crianças-soldados do Exército de Resistência do Senhor traziam espingardas de assalto AK-47 e lança-roquetes de ombro que viraram na direção do sargento e dos seus homens, para depois saírem da erva e abrirem fogo.

SETE ANOS ANTES



Capítulo II

Junho de 1987

Rwotobilo, Uganda

Anthony Opoka tinha 7 anos quando o pai começou a ensinar-lhe os meandros do céu noturno de África.

As lições começaram num fim de tarde quente, depois de o alto e longilíneo George Opoka se apressar a sair da sua plantação e atravessar a mata para voltar para a pequena aldeia cerca de 150 quilómetros a norte de Kampala e menos de dez quilómetros a norte de uma cidade mais pequena chamada Gulu. George, alerta, erguia o pescoço para olhar para ambos os lados à procura de perigo.

As ameaças inesperadas eram uma constante nas matas das terras altas do centro do país. Leopardos, leões, hienas, búfalos-africanos e elefantes vagueavam a coberto da vegetação densa. O mesmo acontecia com as serpentes venenosas e, os piores de todos, os soldados desgarrados dos cinco anos da Guerra Civil do Uganda, que tinha terminado no ano anterior com a vitória do exército de Yoweri Museveni, que se tornara presidente do país.

Depois de sair da vegetação densa que o cobria, George abrandou o passo ao aproximar-se de uma cabana oval feita de uma mistura de lama e bosta de vaca secada pelo sol até ficar tão dura como cimento. A cabana tinha um telhado de junco novo com a forma de uma tigela virada de pernas para o ar que seria capaz de repelir a água quando a temporada das chuvas chegasse.

Uma mulher bonita na casa dos vinte anos com um corpete justo e uma saia transpassada em tons verdes vivos e preto estava sentada à porta da cabana, a preparar fogo para cozinhar. Atrás dela, havia crianças a brincar.

— Acoko Florence — disse George, colocando a mão no peito —, como é que consegues estar mais bonita do que nunca?

A terceira mulher de George revirou os olhos e disse:

— Dizes isso todos os dias.

— E é verdade todos os dias! E também é verdade que o Anthony vai comigo hoje à noite.

— Não é muito novo ainda, *Omera*?

Omera significava irmão na língua acholi e era um termo de afeto e respeito que quase toda a gente usava com George, que era amplamente conhecido como um homem verdadeiramente bom.

— Eu aprendi aos seis anos, e ele faz oito em outubro — disse George.

— Está na hora de o Anthony sair da casa da mãe de vez em quando e aprender a ser um homem.

— Um menino de sete anos não se pode tornar um homem — disse a esposa, com um ar aborrecido.

— Mas pode ser ensinado a ser um homem — replicou George, a sorrir.

Acoko fez questão de não olhar para George.

— O que se passa?

Ela abanou a cabeça.

— Eu sei que o Anthony não é o teu primeiro filho, mas é o meu, e a minha alegria.

— E é por isso que o que eu tenho para lhe ensinar é ainda mais importante.

A mulher de George parecia disposta a discutir, mas depois suspirou.

— Ele é teu filho e tu és pai dele. Acho que sabes melhor essas coisas do que eu.

George observou a esposa, que costumava estar bem-disposta e sempre pronta para umas tiradas espirituosas. Acoko vinha-lhe parecendo mais pequena ultimamente, menos cheia de vida, mas, antes de ter oportunidade de lho dizer, ela já entrara na cabana. Não demorou a

aparecer com Anthony, que estava a acordar de uma sesta, rabugento e a esfregar os olhos.

Anthony era todo pernas e braços, com um tronco forte e um rosto que brilhava quando via o pai. Foi a correr em direção a George e abraçou-o. George retribuiu o abraço, pois amava todas as esposas e todos os filhos e acreditava que devia enchê-los de mimos.

— Estás pronto para ir para a escola humana? — perguntou George a piscar o olho para Acoko.

Anthony afastou-se do pai, baralhado.

— A escola está fechada para férias.

— Esta vai ser uma escola diferente, uma escola que te poderá salvar a vida um dia.

O rapaz franziu o sobrolho. Olhou de relance para a mãe, que mexia as mãos nervosamente. Anthony adorava a mãe e foi ter com ela.

— Posso, mãe?

O sorriso de Acoko era agridoce quando pôs a mão debaixo do queixo do filho e o olhou nos olhos.

— Podes e deves. O teu pai diz que tem muito para te ensinar sobre como ser humano hoje à noite.

Anthony agarrou a cintura da mãe e apertou-a com força. Ela levantou a cabeça para olhar para o marido como que a dizer: *Mantém a alma boa e delicada que eu criei em segurança. E trá-lo de volta para mim.*

George compreendeu, sorriu e acenou-lhe com a cabeça.

— Vai lá — disse Acoko, que fez uma cócega nas costelas de Anthony.
— Está na hora da escola humana.

Anthony levantou a cabeça para olhar para ela, o sorriso aberto.

— Não vou demorar a voltar, mãe.

— E eu vou estar aqui à tua espera — respondeu ela.

Quando Anthony atravessou a aldeia descalço com o pai, o peito encheu-se de orgulho. Quase toda a gente adorava Omera George e, ali, Anthony era alvo de uma atenção especial. Duas das outras mulheres do pai, vários dos seus meios-irmãos e muitas das meias-irmãs repararam.

Interromperam o que estavam a fazer para saudarem, curiosos, Anthony e o pai.

— Onde vais? — perguntou Charles, um dos meios-irmãos mais novos e um dos melhores amigos de Anthony.

— Tornar-me um humano — disse Anthony.

— O quê? — perguntou o tio Paul.

— É um segredo, irmão — anunciou George, o que só fez com que Charles, o tio Paul e os outros filhos e as mulheres de George ficassem com ainda mais curiosidade.

— Também posso ir? — perguntou Albert, outro meio-irmão mais novo, com apenas 5 anos.

— Esta noite não, Albert — disse o pai com carinho. — Esta noite pertence ao Anthony.

Albert enrolou os ombros para trás e fez uma careta aos irmãos mais novos, que ficaram desiludidos, continuando a caminhar com o pai em direção à mata.

É a minha noite com o meu pai, pensou o rapaz alegremente. *Minha e de mais ninguém.*

Quando estavam longe dos olhos e dos ouvidos dos outros, George abrandou o passo e olhou para o filho.

— Anthony, quero que saibas que és um rapaz especial, muito especial, mesmo.

— Sou?

— És. A forma como adoras correr. A forma como te apressas a ajudar a tua mãe e como te aplicas na escola. A forma como brincas com os teus irmãos. Não há muitos rapazes como tu. Queria que soubesses que eu vejo tudo isso. E a tua mãe também. Tu és especial.

Anthony sentiu um calor interior. Sentiu-se visto, compreendido e preenchido de uma forma rara. Olhou para o pai, radiante, a pensar: *Sou especial.* George deu-lhe uma palmadinha no ombro e começou a andar novamente; Anthony seguiu-o, ainda deliciado com os elogios e o raro calor no coração.

— Até agora, mantivemos-te perto de casa — disse George. — A tua vida tem sido aqui e na escola.

— E no mercado — acrescentou Anthony, e era verdade, pensou para consigo: até então, a sua vida tinha-se desenvolvido numa área muito, muito pequena. Nunca fora a Gulu, que na sua imaginação era um lugar exótico e agitado com muita gente e sítios novos e estranhos.

George disse:

— Tens de começar a olhar à tua volta. Tentar ver coisas que te vão ajudar no que és e no que te vais tornar.

Anthony olhou para toda a vegetação rasteira e para todas as árvores ao redor deles, sem perceber bem o que o pai lhe estava a tentar dizer.

— Segue-me — disse George. — Vai ser mais fácil compreenderes se eu te mostrar.

Seguiram por caminhos abertos por humanos e animais por entre matagais exuberantes que cheiravam a plantas em flor até ao limiar de uma cumeeira que dava para um vale verde e profundo onde havia mulheres a moer painço, homens com enxadas a trabalhar em hortas e fumo a subir enrolado de fogueiras acesas para cozinhar.

George fez sinal para as três enormes árvores a crescer num aglomerado mais ou menos entrecruzado.

— Aquelas são as árvores mais altas até onde a vista alcança, estás a ver?

Anthony estava a ver, mas perguntou-se se conseguiria avistá-las de longe. O pai fez sinal para os pontos geográficos ao longe. A noroeste, erguiam-se os montes Kilak. A nordeste, mostrou-lhe um cume redondo distante perto da cidade de Patiko.

— São marcos de referência. Não saem de onde estão. Se conseguires ver ambos os pontos altos, aponta o ombro direito para os montes e o esquerdo para o cume redondo. Estarás a olhar para sul, onde estão estas árvores e onde fica a tua casa. Estás a ver?

Anthony assentiu com a cabeça, hesitante.

Depois, a sul, sudeste, o pai apontou para dois montes bem para lá do vale, dispostos perpendicularmente um ao outro e a uns bons dez quilómetros de distância um do outro. George fez o filho notar que um tinha pináculos de pedra a sobressair da vegetação perto do cimo e que o monte mais próximo tinha uma rocha lisa no cume sem vegetação. Aquele monte careca era mais alto do que tudo o resto em volta.

— Aquele é o monte Awere, onde o louco prega hoje em dia — apontou George. — Por isso, de mantiveres o monte Awere à esquerda e as nossas três árvores atrás de ti, irás diretamente para sul, em direção a Gulu. Ao voltares, manténs o monte Awere à tua direita e os montes de Kilak e Patiko à tua frente, e virás diretamente para norte até veres estas três árvores grandes e a tua casa. Compreendes?

Anthony viu e assentiu com a cabeça.

— Muito bem. És um rapaz inteligente.

Ao ouvir o elogio, Anthony voltou a sentir aquele calor interior raro.

— Quem é o louco, pai?

Omera George hesitou antes de responder.

— Chama-se Joseph Kony. Vive perto dos montes e é primo de uma mulher louca chamada Alice Auma, que dizia chamar-se Lakwena, «a Mensageira».

— Mensageira de quê?

— Ninguém sabe — respondeu George. — A Alice dizia que era capaz de ver o futuro e convenceu os seguidores, incluindo o Kony, de que era capaz de transformar rochas em bombas. Depois de o Museveni ter vencido, ela declarou guerra ao novo governo. O Kony recusou-se a juntar-se à prima e começou a usar vestes brancas e a rezar no monte Awere pouco depois. Dizem que ele é capaz de conjurar tempestades e que tem poderes muito maiores do que os da Lakwena. Há cada vez mais pessoas a ir lá todas as noites para o ouvir a pregar e vê-lo a conjurar tempestades.

Anthony olhou bem para a cúpula de rocha do monte Awere do outro lado do vale, a tentar imaginar um homem capaz de chamar relâmpagos, trovões e chuva.

O pai, com ar de quem parecia desejar não ter falado de Kony, disse:

— Tu não te vais aproximar sequer do monte Awere. Já ninguém com a cabeça no sítio vai lá.

— Mas posso usá-lo como marco de referência?

Os ombros de George descaíram em alívio.

— Sim. Isso mesmo.

— E no escuro? E se eu não conseguir ver nenhum dos montes?

O pai sorriu.

— Excelente pergunta.

George conduziu-o para um afloramento rochoso sem árvores nem vegetação quando um crepúsculo sem luar assentou sobre a terra.

— Porque é que estamos aqui, pai? — perguntou Anthony, a olhar para as copas das árvores na mata que, entretanto, se tinham tornado indistintas. — O que há lá em baixo para eu ver?

Anthony sentiu o pai a sorrir quando George lhe pousou a enorme mão no ombro.

— Tu não estás aqui para olhar para baixo, Anthony. Estás aqui para olhar para cima.

O rapaz levantou os olhos e viu a silhueta de George a apontar para a grande abóbada do céu noturno e para as estrelas que começavam a aparecer em todas as direções, em grupo e sozinhas, e a encher cada vez mais o firmamento.

Anthony disse:

— Eu gosto de olhar para as estrelas. São lindas.

— Eu também, mas as estrelas são muito mais do que isso — replicou George. — Podem ser as tuas guias, a tua bússola e o teu mapa. Quando eu tinha mais ou menos a tua idade, um velho curandeiro acholi ensinou-me que, se formos capazes de conhecer as estrelas tendo em conta as posições que ocupam no céu, podemos encontrar o nosso caminho para casa ou para qualquer lugar para onde queiramos ir, mesmo numa noite tão escura como esta.

Anthony ouvia o pai enquanto ele apontava para aglomerados de estrelas que quase nunca se moviam, e outros que apareciam e desapareciam ao amanhecer e ao crepúsculo e com o virar das estações. Disse-lhe que, assim que as memorizasse, poderia usá-las para perceber a sua localização e a direção que queria seguir.

— O curandeiro também me disse que os nossos espíritos vêm das estrelas e voltam para as estrelas quando morrem. Por isso, quando olhas para as estrelas, Anthony, também podes ver os espíritos dos teus antepassados e as almas dos teus filhos a brilhar para ti.

O rapaz alçou os olhos para todas as estrelas a cintilar na vasta escuridão do céu noturno.

— Isso é verdade, pai?

George enrolou os braços nos ombros de Anthony.

— Não sei. Mas gosto de pensar que sim.

A caminho de casa, George disse que, além de aprender mais sobre as estrelas, Anthony tinha de começar a pensar e a agir como um homem, e não como um menino.

— Mas eu só tenho 7 anos, pai.

O pai riu-se.

— Sim, a tua mãe diz o mesmo. Um humano, então. Mas é assim que começa, Anthony. Agora és um rapaz, mas, no futuro, quero poder olhar para ti e saber que te tornaste um bom humano, alguém que faz o mais correto, que se defende a si próprio, que sabe distinguir o certo do errado; um humano que trata as pessoas com justiça e que espera ser tratado com justiça, que sabe o que faz, trabalha bem e que se sente responsável por alimentar e dar abrigo à família; um humano que sabe amar e que é capaz de aprender com a mulher e ensinar bem os filhos, para que a história e os conhecimentos de uma vida boa e honrada perdurem.

— Como é que me vou lembrar disso tudo?

— Não tens de o fazer. Tens tempo. Mas tudo se resume a isto, Anthony. Tentarmos ser humanos melhores todos os dias. E sempre que te sentires confuso em relação a algo na vida, sem saber o que fazer, pergunta a ti mesmo: o que faria um bom humano?

Anthony sentiu a paixão do pai mesmo no escuro. Deixou-lhe a pele a formigar e acendeu-lhe o calor no peito de novo.

— Muito bem. E só mais uma pergunta para te lembrares: como posso ser feliz hoje?

— Eu já sou feliz — replicou Anthony, tentando acompanhá-lo, e admirado com os olhos de animal do pai à noite.

George riu-se baixinho à frente dele.

— És. Em grande parte. Mas sabes como ser feliz quando estás triste ou com medo?

— Vou brincar com os meus amigos?

— Muito bem. E eu digo-te outra forma: olha para as coisas boas da tua vida e sê grato por elas. Vais sentir-te sempre mais feliz se o fizeres e também vais sentir menos medo. Não sei porquê. Mas é verdade.

Não demoraram a reentrar na aldeia e seguiram em direção às fogueiras, que ardiam baixinho ou em brasas. Anthony sorriu quando viu a mãe a levantar-se da esteira de junco em que estava sentada junto à fogueira.

— Estiveram fora muito tempo — disse Acoko. — Estava a ficar preocupada.

— Ele está bem e não tem ossos partidos — disse George. — Mas acho que está cansado.

— E com fome? Guardei um pouco de painço, de banana-pão e do molho picante de quiabo de que tu gostas.

— Sim, por favor — disse Anthony, subitamente com sono e muita fome.

George abraçou-o.

— Foi uma boa primeira noite, parece-me. Tu aprendes depressa.

Anthony também abraçou o pai.

— Gosto de aprender coisas novas.

— Então, metade da batalha está ganha.

O pai saiu para ir ver como estava o resto da sua família e a família do irmão Paul. O tio de Anthony vivia muito perto, quase debaixo das três enormes árvores.

A mãe de Anthony pôs-lhe uma colher e um prato de metal com comida a escaldar à frente.

— Come ou nunca crescerás nem serás o homem grande e forte que precisas de ser.

— Eu já sou mais forte do que os outros rapazes, porque gosto de correr. O pai diz que sou especial por isso. — Anthony voltou a sentir aquele calor raro a preenchê-lo e olhou radiante para ela.

— Então, come, rapaz especial — insistiu ela. — Come para poderes correr depressa e para longe.

Anthony levou a colher à boca, deliciando-se com todos os sabores e sentindo-se grato por eles de uma forma que nunca antes sentira.

— É tão bom — disse. — Obrigado, mãe.

Acoko ficou contente.

— Ainda bem que gostas. O que é que o teu pai de ensinou?

— Falou-me das estrelas. E disse-me como ser um bom humano. E mostrou-me os marcos de referência, como o monte Awere e as três árvores perto da casa do tio Paul.

— O que te disse sobre as estrelas?

— Montes de coisas. Com as estrelas podemos encontrar o caminho no escuro e deixar de ter medo.

O rosto de Acoko fez-se mais turvo.

— Podes aprender a conhecer o teu caminho no escuro, mas deves sempre ter medo do que vive e vagueia pela noite. Sempre.

— O pai disse que eu tenho de aprender a ser feliz em vez de ter medo.

A mãe deixou escapar um riso curto.

— O George é um homem bom, mas um pouco tonto de vez em quando. A vida não é apenas uma busca de felicidade, Anthony. É uma busca de sobrevivência. Às vezes a vida é tão difícil, que tens de te limitar a sobreviver.

Anthony não sabia porque a mãe dizia que o pai era tonto e ficou um pouco zangado, porque queria voltar a ter aquela sensação rara e quente que o preenchia, deleitar-se com os elogios de George.

— Bem — disse —, o pai diz que eu sou especial porque me empenho na escola, te ajudo e sou um bom amigo.

A mãe de Anthony hesitou, depois suavizou a expressão, esfregou a testa do filho e abraçou-o.

— És isso tudo, meu pequenito. És isso tudo.